

UMA ANÁLISE DA MEMÓRIA NA ETERNIDADE

An analysis of memory in eternity

Jonas Macêdo Santos*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6828063182394954>

RESUMO: O objetivo geral deste ensaio é analisar o conceito de memória na eternidade, instigar o leitor à reflexão e apresentar um pouco de conhecimento a respeito do assunto. O seguinte trabalho versará sobre um tópico pouco trabalhado pelos filósofos e teólogos contemporâneos. Para tanto, o presente trabalho, pretende se debruçar sobre um objeto bíblico-teológico, e fará também um esforço hermenêutico para analisar o que alguns textos bíblicos dizem a respeito deste assunto; isso será importante ao longo da caminhada, pois servirá de instrumento para melhor conduzir a reflexão sobre o assunto.

Palavras-chave: Espírito; Personalidade; Memória; Eternidade.

ABSTRACT: The general objective of this article is to analyze the concept of memory in eternity, to instigate the reader to reflect and to present a little knowledge about the subject. The following work will deal with a topic little worked on by contemporary philosophers and theologians. Therefore, the present work, intends to focus on a biblical-theological object, and will also have a hermeneutical effort to analyze what some biblical texts say about this subject; this will be important along the way, as it will serve as an instrument to better conduct reflection on the subject.

Keywords: Spirit; Personality; Memory; Eternity.

* Graduado em Teologia e Pós-graduando em Apologética Cristã pela Faculdade Batista do Cariri. Contato: macedojonas81@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Ao refletir a respeito da história, existe uma tendência de pensar que esta vida um dia terá um ponto final; e começará um novo tempo na eternidade. Mas, do ponto de vista bíblico, o tempo está dentro da eternidade. O que existe é uma limitação do ser humano que não consegue perceber que já está vivendo a eternidade.

O ser humano vive limitado ao tempo, e se conseguisse sair dessa esfera chamada tempo e entrar na esfera da eternidade, que é maior e abarca o tempo, então lhe seria coerente tal reflexão. É necessário lembrar que o tempo e as horas servem para os seres humanos, mas para Deus, na eternidade não há contagem de tempo, para Deus tudo é um eterno presente.

Do mesmo modo, ao analisar os dados bíblicos, fica entendido que essa verdade também se aplica à memória. Na verdade, a memória das coisas que acontecem nesta dimensão é indispensável para a continuidade da existência do homem no mundo porvir. Esta faculdade está estritamente ligada à identidade de uma pessoa, sendo característica da sua personalidade. Pensando nisso, surge então a problemática deste trabalho: Como será a memória na eternidade?

O presente trabalho se justifica em primeiro lugar por sua atualidade, pois é um tema de muita importância no campo teológico-filosófico; em segundo pela utilidade, pois é um material simples e acessível aos crentes em Cristo que desejem compreender um pouco mais sobre o assunto; e por último por seu caráter inovador. O ensaio versará sobre um tópico pouco frequentado pelos filósofos e teólogos contemporâneos.

De maneira geral o objetivo desse trabalho é trazer uma análise da memória na eternidade, e, ao mesmo tempo, instigar o leitor à reflexão a respeito do assunto. Para isso, será feita uma análise a respeito do que é memória e como ela será empregada na eternidade.

1 ANÁLISE DO TEMPO NA ETERNIDADE E DO SER HUMANO APÓS A MORTE

Não há dúvida que o problema da relação entre tempo e eternidade é sobremodo complexa. Porém, ao analisar algumas passagens das *Confissões* e também da *Cidade de Deus*, ambas obras de Agostinho de Hipona, será perceptível o esclarecimento sobre a questão do tempo na eternidade. Isso será importante para o desenvolvimento do tema até

chegar-se no objetivo principal deste trabalho. Primeiramente, é interessante notar a seguinte afirmação na obra *Confissões*:

De onde poderiam vir e como poderiam transcorrer os inumeráveis séculos, se não os tivesses criado, tu que és o autor e criador de todos os séculos? Que tempo poderia existir, se não fosse estabelecido por ti? E como poderia esse tempo transcorrer, se nunca tivesse existido? Portanto, sendo tu o Criador de todos os tempos – se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra – como se pode dizer que cessavas de agir? De fato, foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares. (AGOSTINHO, 1997, p. 341).

Essa obra tão conhecida traz a percepção da seguinte ideia; o tempo surge quando Deus estabelece a criação, quando se apresenta algo diferente de Deus, algo que não possui a essência completa da eternidade. A respeito disso Marques afirma:

Quando Deus cria, há algo determinado, há duração, movimento, finitude, há tempo. Na definição mais profunda do termo, não há tempo para Deus enquanto algo que lhe determina, posto que Ele é eterno e a única determinação que podemos pensar em um ser eterno é aquela que Ele soberana e livremente impõe sobre si mesmo. Usamos regularmente expressões como “no tempo de Deus, seremos recompensados” ou “o início da eternidade”, mas isso se deve unicamente a carência de uma linguagem que expresse adequadamente como um ser infinito age no tempo. (MARQUES, 2019, p. 133).

Sem dúvida, ao referir-se ao ser perfeito como Deus, é perceptível a ideia de que Ele é infinito e, por ser assim, não tem limites; já os seres humanos, são finitos e vivem dentro de limites, são seres temporais. Essa é, certamente, a condição do homem. Se, por um lado, Deus é perfeito, e sua perfeição é evidente; por outro, o ser humano possui limitações, e são temporais. Essa limitação e finitude humana, pode ser notada na obra *Pensamentos*:

Quando contemplo a pequena duração da minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte, o pequeno espaço que preencho é o mesmo e mesmo que vejo abismado na infinita imensidão dos espaços que ignoro e me ignoram, apavoro-me e admiro-me por me ver aqui e não lá, pois não existe razão porque aqui e não lá, porque agora e não então. (PASCAL, 2005, p. 94)

Estar no tempo é uma condição de um ser finito; portanto, é notável que o tempo e as horas servem para os seres humanos, Deus os criou para tais seres mortais; mas para Deus, na eternidade, não há contagem de tempo, é um eterno presente. Como diz (AGOSTINHO, 1997): “Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente”.

A partir dessas verdades, é necessário compreender que um dia Cristo virá buscar seus eleitos, estes serão levados ao céu, um lugar completamente diferente desta realidade. Na eternidade tudo será diferente, os eleitos estarão em um lugar onde não haverá mais dor, nem sofrimento, nem pranto, pois as primeiras coisas irão passar e tudo se fará novo (Ap 21:4).

Quando os eleitos forem enfim, remodelados por Deus, quando a semente da infinidade estiver presente em cada vida, quando a temporalidade ofuscar-se nas dimensões infinitas da eternidade, a pergunta que fica é: Haverá lembrança das coisas passadas? Seria a memória aniquilada do ser humano? Como será a memória na eternidade?

Posto que a morte não é o fim da alma humana, é obrigatório, antes de mais nada, investigar o que a Bíblia ensina a respeito da natureza da morte. O texto sagrado descreve a morte como o momento em que a alma deixa o corpo. Ver-se esse sentido sendo aplicado em Gênesis 35.18: “Ao sair-lhe a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de Benoni; mas seu pai lhe chamou Benjamim” (BIBLIA, 2010).

O trecho narra o momento em que Raquel, esposa de Jacó, perde a vida ao dar à luz a Benjamim. Conforme o contexto, nota-se que a sua alma estava saindo daquele para algum outro lugar; se não fosse desta maneira, e sim de outra, a narrativa teria dito que a sua alma estava morrendo, ou sendo destruída. Todavia, o que se nota é a expressão de a alma deixar o corpo ser chamada de morte.

Outra passagem da qual se pode inferir a noção de morte apresentada acima é Tiago 2:26 ao ensinar que “o corpo sem o espírito está morto” (BIBLIA, 2010). Posto que a alma é o princípio da vida que anima o corpo, resulta que, quando a alma deixa o corpo, o corpo morre. Em 1 Co 5:5 lê-se: “...entregue a Satanás para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus” (BIBLIA, 2010). Aqui, diferentemente da carne, Paulo fala do espírito humano que sobrevive a morte e pode ser “salvo”. Instruindo, outra vez, que os seres humanos podem sobreviver em uma condição desencarnada. Em Apocalipse 6.9,10 é dito:

Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (BIBLIA, 2010, p. 1787)

João, o narrador desse livro, chama tais mártires desencarnados, cujos corpos ficam na terra, de “almas” no céu. Na sua visão, fica claro novamente que a alma (imaterial) sobrevive à morte desligada do corpo (material).

A partir do que já foi exposto, é notório, que na eternidade o ser humano afetado pelos efeitos da Queda, será completamente restaurado, como nos diz as Escrituras Sagradas em Filipenses 3:20,21:

Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas. (BIBLIA, 2010, p. 1622)

O ser humano será, enfim, aquilo para o qual Deus o criou desde o princípio. Não somente o livro de Apocalipse como também toda a Bíblia aponta para o momento do novo céu e da nova terra. Desde que Adão e Eva perderam seu lugar no Paraíso e o pecado passou a reinar sobre a terra (Rm 5:12-21), o plano divino tem se organizado para o momento em que o pecado será finalmente eliminado, concretizando o propósito original de Deus ao criar a humanidade. Como diz Kistemaker:

Depois do juízo final, João exhibe a seus leitores um quadro de perfeição que difere radicalmente do mundo atual. A velha ordem já passou e todas as coisas são novas. O tempo cósmico se converteu em eternidade; a separação de Deus se converteu em comunhão íntima com ele. A morte pertence ao passado, pois os santos bebem da água da vida. Os ímpios estão no lago de fogo, enquanto os santos estão com Deus e pertencem à sua família. A nova Jerusalém é um quadro de perfeição no que diz respeito à medição, ao adorno e à glória. Este quadro revela um rio de vida que emana do trono de Deus e do Cordeiro com árvores que produzem frutos de ambas as margens do rio. Com a maldição removida, os servos de Deus servem a ele e ao Cordeiro. Este é o Paraíso restaurado. (KISTEMAKER, 2004, p. 694)

Nesse ponto, é importante notar que, há uma conexão entre a primeira criação, registrada em Gênesis e a nova criação do céu e da terra em Apocalipse. No Paraíso, antes da Queda, Deus comungava intimamente com Adão, ministrava-lhe instruções e fazia provisão para suas necessidades (Gn 2.15-25). Na nova terra, Deus habita com seu povo em íntimo companheirismo, como afirma Ap 21:3: “Eis o tabernáculo de Deus com seu povo, ele habitará com eles” (BIBLIA, 2010).

Depois da Queda, Adão e Eva se esconderam da presença de Deus (Gn 3.8); na restauração, Deus habita com eles para sempre em seu tabernáculo. No Jardim do Éden não havia medo, dor, pranto e morte; a nova criação é um lugar onde segundo Ap 21:4 “não mais haverá morte, nem tristeza, nem pranto, e nunca mais haverá dor” (BIBLIA, 2010).

2 ANÁLISE TEOLÓGICA DO TERMO ESPIRITO

Os primeiros questionamentos a serem respondidos são: Qual o entendimento relacionado ao espírito do homem? Inteligência, conhecimento e memória residem no espírito humano? Esse conhecimento do espírito está submetido às limitações biológicas que o homem tem, como seu cérebro, neurônios e memórias?

Para responder essas perguntas é necessário fazer uma análise teológica do termo espírito. O Antigo Testamento utiliza a palavra Ruwach (רוּחַ) cerca de quatrocentas vezes para se referir ao espírito. O mesmo substantivo é derivado do verbo hebraico que tem o significado de “respirar”, “soprar”, e pode ser traduzido por “vento” ou “sopro”. No Novo Testamento, o termo grego Pneuma (πνεῦμα) é utilizado com muita frequência, cerca de trezentas e setenta vezes, e também pode ter o significado de “sopro” ou “vento”. Na grande maioria das vezes esses dois termos Ruwach ou Pneuma têm o significado de “espírito”, referindo-se ao espírito de Deus, ao espírito humano ou pode ser também outro ser espiritual qualquer.

A definição de Pneuma no Novo Testamento, que se correlaciona com o termo hebraico Ruwach no Antigo Testamento, tem um significado amplo. Refere-se, a todo momento, a algum ser dotado de inteligência e sentimentos. Portanto, é correto afirmar que todo espírito contém vida, e não necessariamente está envolvido com algum tipo de forma material. Isso é perceptível através dos anjos e demônios que em nenhum momento possuíram corpos físicos, e nem por isso são desprovidos de qualidades particulares no que diz respeito à personalidade, e o próprio Deus é espírito como afirma as escrituras. (Jo 4:24).

Portanto, é necessário perceber à luz da Bíblia que os seres espirituais, incluindo nesse aspecto também o ser humano, são moralmente responsáveis diante de Deus, e são compostos de consciência para desta forma atuar. Sendo assim, o espírito recebe um outro termo muito utilizado no Novo Testamento, Psyche (ψυχή). Nesse sentido, o espírito não

é somente uma força vital ou a vida de um indivíduo, antes o espírito indica autoconsciência e espiritualidade, isto é, pode ter um relacionamento com Deus (Gn 1:26; 2:7; Dt 34:9; Nm 5:14; Is 26:9) e também com o próximo.

Até o presente momento, é perceptível que o ser humano é um ser formado por corpo e espírito. O espírito, além de ser o princípio vital, ou seja, a pessoa real, também é o eu interior, ao mesmo tempo que o corpo físico é a personalidade externa.

Deste modo, é importante observar que no texto de Gênesis o espírito humano relacionado ao hebraico Nephesh (נפש), com seu equivalente Psyche em grego, termo este que indica a inteligência do ser humano, é distinto dos animais. Gênesis 2:7 nos diz: “Formou o Senhor o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida (Ruwach) e o homem passou a ser alma (Nephesh) vivente.” (BIBLIA, 2010)

O Novo Testamento também traz o espírito do ser humano, Pneuma ou Psyche, e apresenta-o como sendo o real ser de uma pessoa que após a morte vai encontrar-se com Deus (Mt 27:50; At 7:59). Assim, o aspecto mais íntimo do ser humano, no que se refere a si mesmo, está conectado não só ao corpo mas também ao espírito. O homem, portanto, é uma união de matéria (corpo) e espírito (Psyche). Esses dois conceitos, diferentes entre si, unem-se e formam uma só substância, de forma que tudo o que o ser humano faz é psicossomático, ou seja, é alma (Psyche) mais o corpo.

Pensando na discussão acima, fica evidente que o espírito é um ser que não contém corpo, ou seja, é um ser que não tem tamanho, não tem peso e não tem cor, porém é cheio de inteligência e de vontade. Mas é preciso fazer uma distinção dos termos e entender que há um Espírito que não foi criado, pois Ele é o criador de todas as coisas, que no caso é Deus. Há Espíritos que foram criados para existirem em um corpo, que é o caso dos anjos, e também há os criados para desenvolverem-se no próprio corpo, que no caso é a alma do ser humano.

A alma do ser humano (Psyche) é o princípio vital do homem. Ela necessita do corpo, no caso, cérebro e sentido, para desempenhar suas funções; porém ela é imortal por si mesma, de maneira que, quando o ser humano vem a morrer, sua alma não deixa de existir mesmo sem o corpo, com toda a sua capacidade. As escrituras afirmam que um dia, o Senhor irá restaurar essa junção de corpo e alma. (Fp 3:21; I Co 15:35-58).

Desta forma é notável, através da teologia, vários aspectos de importância para a definição de espírito, sendo possível, assim, afirmar que, à luz da teologia, um espírito é primeiramente um princípio vital; abundante de inteligência; vivo, mas sem matéria; sem

necessidade de uma forma material para ter existência, como é o caso dos anjo, demônios, e do próprio Deus. O espírito também tem personalidade, é um ser moralmente responsável, no qual habita a mente (Psyche), tendo consciência própria.

2.1 Análise teológica dos versículos em prol da memória

A Bíblia dá ao ser humano salvo em Cristo a esperança de um novo céu e uma nova terra, um lugar onde toda lágrima já não existirá, pois não haverá luto, nem pranto, nem dor; certamente será um lugar de alegrias eternas. Diante disso, algumas perguntas precisam ser esclarecidas: Quanto a memória humana, seria ela aniquilada na eternidade? O ser humano esquecerá de tudo que passou aqui na terra?

As escrituras afirmam diretamente que há uma existência consciente e continua entre a morte e a ressurreição. (Is 14:9-11; Mt 22:32; Mc 9:43-48; Lc 16:19-31; Jo 11:26; II Co 5:6-8; Fl 1:21-23; Ap 6: 9-11). Ao percorrer os ensinamentos da Palavra de Deus, é importante notar que, na verdade, a memória das coisas que acontecem nesta dimensão é indispensável para a continuidade da existência do homem no porvir. A memória está estritamente ligada à identidade do ser humano, sendo característica da personalidade humana.

Como é o caso da história do rico e Lázaro, descrita no evangelho de Lucas 16:19-31. Apesar de não obter certeza se essa história seria real ou não, mas o fato é que mesmo se for uma parábola, essa narrativa descreve verdades consideráveis. É uma narrativa que descreve de uma forma clara o estado do ser humano após a morte física.

A história do rico e Lázaro foi escrita e registrada para exortar em relação ao uso incorreto das riquezas, pode-se ver isso nos versículos anteriores, cujos propósitos são destacar o perigo do amor às riquezas deste mundo vil e a falta de preocupação com a aprovação Divina. Mas, ainda que esses tenham sido os propósitos do Senhor Jesus Cristo em alertar acerca desses perigos, há no texto uma desaprovação em relação à crença de que o ser humano necessita de visões ou experiências, ou até mesmo de mensageiros vindos do mundo dos espíritos para nos informar a respeito das condições que ali existem. Pensando nisso, o texto em questão deixa claro algumas questões em relação às realidades que estão além da sepultura e dá base para que o ser humano perceba o que o Senhor Jesus ensina a respeito desse estágio. Sobre esse texto, alguns pontos devem ser ressaltados:

Primeiro, a alma sobrevive à morte física. Segundo, a alma, mesmo depois da morte, continua cheia de consciência, de memória e também de razão. No fragmento “Filho, lembra-te de que em vida recebeste os teus bens”, o verbo aqui aplicado no verso 25 é *mnaomai* (μνᾶομαι), que tem o significado de fazer lembrar, relembrar ou voltar a mente, fazer-se lembrar de, lembrar, ser trazido à memória, ser lembrado, ter em mente, lembrar algo, recordar-se, ter memória de. Terceiro, todos os justos irão entrar em um estado muito melhor que o atual. E quarto, o castigo é o destino que aguarda os ímpios.

É preciso ter em mente que esse texto não objetiva falar a respeito da alegria do justo no seio de Abraão, e sim mostrar a tristeza, o sofrimento, e a agonia do Sheol. Por conta disso, o texto não faz referências às atividades de Lázaro. Todavia, não é verdade que pelo fato de não existir um relato que fale a respeito das lembranças ou das atividades do justo no seio de Abraão isso signifique que elas não existam, não se pode deduzir que o justo, nesse caso, seria mudo ou sem consciência e memória alguma.

É necessário perceber na narrativa que aqueles que morrem sem crer em Deus viverão em eterno sofrimento, tendo completa consciência. Em relação ao que está no seio de Abraão, deve-se pensar que ele está em outra realidade, uma realidade muito superior, sem preocupações com este mundo vil.

Não se deve deduzir que o fato de o texto não mencionar a conversa entre Abraão e Lázaro, este não tenha um relacionamento com Deus na eternidade. É importante entender que mesmo quando a história decide omitir os acontecimentos do justo no seio de Abraão, pode-se pensar que ele está em completa consciência, gozando em plenitude de alegria, na eternidade. Outro texto que atesta que haverá memória na eternidade é Apocalipse 6:9,10:

Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram com grande voz dizendo: Até quando ó Soberano Senhor, Santo e Verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? (BÍBLIA, 2010, p. 1787)

O texto acima aponta indiscutivelmente para a consciência depois da morte física. Segundo o *Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*: “A imortalidade cristã, no conceito bíblico e cristão, é sempre individual, importando em consciência pessoal. Saberei que eu sou eu, o mesmo ser que fui, ainda que então me encontrarei em estado exaltado.” (CHAMPLIN, Vol. 4, p. 340).

Até porque se o ser humano não for o que ele é, mas destituído de memória do que foi e fez, ele será qualquer coisa, menos ele mesmo, isto é, uma outra pessoa, outra personalidade, posto que a personalidade inclui o conjunto de uma história individual de uma vida. Neste sentido, Champlin complementa:

A imortalidade, dentro do conceito paulino, é sempre vinculada ao corpo ressurreto, como veículo da alma remida; mas esse corpo é também chamado de “espiritual”, não sendo material e nem formado por partículas atômicas. A alma atingirá um elevado estado de glorificação quando receber o seu novo veículo, mediante o qual a completa personalidade humana será restaurada, ainda que em termos totalmente não-corporais. O padrão da natureza desse corpo novo é o próprio Senhor Jesus Cristo, porquanto haveremos de ser transformados conforme a sua imagem (ver Rom. 8:29). Uma vez que nos tornemos seres elevados acima dos anjos, dotados de maior poder, inteligência e perfeição do que eles, seremos instrumentos capazes de feitos notáveis. (CHAMPLIN, Vol. 4, p. 340)

Assim, apesar da Bíblia dizer em Isaías que não haverá lembrança das coisas passadas, e nem memória delas (Is 65.17), o contexto indica se tratar de angústias, tristezas, sofrimentos (Is 65.16) e pensamentos pecaminosos, e não de tudo que foi construído na memória humana. As memórias dos santos serão purificadas, redimidas, curadas, restauradas, e não apagadas, as lembranças que serão apagadas são as que envolvem o pecado.

Sabendo disso, o ser humano não perderá sua memória na eternidade, pois se a perdesse perderia também sua identidade, e perdendo está, não lembraria acerca de quem ele é e nem do sacrifício que Cristo fez por ele. Na verdade, serão as lembranças dos justos que irão atestar o fato de que eles são transformados em Cristo Jesus.

As lembranças farão o justo recordar dos acontecimentos bíblicos e seus personagens, e os encorajará a conhecê-los na eternidade. Na eternidade o justo terá o desejo de conhecer Jesus, bem como os heróis da fé que sustentaram o evangelho para que Ele chegasse até este mundo. E muito mais será realizado, graças a memória que estará ativa na eternidade.

O justo lembrará e conhecerá sim seus familiares e amigos que partiram em Cristo e estão na eternidade; todavia, de uma forma diferente, pois lá todas as afeições estarão focalizadas em Deus e Suas maravilhas, visto que o justo estará com lembranças e memórias glorificadas. Assim, suas mentes sofrerão uma mutação no sentido de despojamento de todas as lembranças pecaminosas e alguns sentimentos inconvenientes que não condizem com a presença gloriosa de Deus.

Para entender melhor essa mudança de mente, faz-se necessário retornar a Gênesis e verificar o que aconteceu com Adão. O primeiro homem, antes de pecar, tinha uma mente pura e dessa forma, as mentes dos salvos serão transformadas.

O pecado não vai ocupar espaço algum nos santos em Cristo, e isso inclui a mente onde estão alojadas suas lembranças. Na eternidade, será possível lembrar de tristezas do passado sem nenhum sofrimento ou dor, pois não haverá pecado; o santo sentirá alegria nas tristezas do passado, pois fazem parte das suas lembranças que não serão apagadas, apenas lembradas de uma forma diferente, sem pecado algum.

As lembranças de eventos dolorosos serão interpretadas à luz da providência de Deus. Na eternidade, o santo entenderá tudo o que o Senhor quiser lhe revelar, pois, enquanto estiver na terra ele é incapaz de compreender determinadas coisas, por conta do pecado. Mas na eternidade, com não existirá pecado, até a ausência de pessoas amadas será aceita por submissão a soberania de Deus, pois a percepção da justiça de Deus será perfeita.

Na eternidade, até as tristezas dos justos serão motivos de alegria, pois suas afeições estarão tão centradas em Deus, o Criador de toda existência e a própria perfeição e santidade, que não haverá preocupação com outras coisas que lhes trouxeram sofrimento. Se considerado o maior prazer já experimentado na vida, é válido argumentar que no Reino dos céus será possível desfrutar de uma sensação infinitamente superior, sem intervalo, por toda eternidade. (Ef 3.20; Rm 8.18).

2.2 Análise teológica dos versículos duvidosos sobre a memória

A partir do que foi exposto, é necessário fazer outro questionamento: Será que há nas Escrituras Sagradas alguma passagem que confirme esses conceitos sendo apenas para a vida terrena e não para a celestial?

Há pouquíssimas passagens que parecem restringir a potencialidade do espírito por ocasião da morte no corpo. Delimitam porque essas passagens, verificadas sobre uma hermenêutica adequada, não restringem a capacidade espiritual após a morte, pois falam somente deste estágio terreno em que o espírito está preso ao corpo corruptível; por outro lado, as Escrituras fornecem outras passagens onde fica claro o foco na continuação das qualidades do espírito, já descritas neste trabalho. Faz-se fundamental a verificação de alguns textos. O primeiro está em Eclesiastes 9:5,6 que diz:

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão pouco terão eles recompensas, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não tem eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (BÍBLIA, 2010, p. 843)

Para compreensão dessa passagem, é essencial entender, em primeiro lugar, qual o propósito do autor e o que ele queria dizer. Assim, nota-se que o livro de Eclesiastes se dirige ao público em geral, cuja visão é limitada pelos horizontes deste mundo; ele vai ao encontro desse público no seu próprio espaço, e prossegue convencendo o homem de sua vaidade.

Isso fica claro através da expressão "debaixo do sol", onde é descrito o que o Novo Testamento chama de "o mundo". O propósito do autor de Eclesiastes é levar o leitor a reconhecer que a vida debaixo do sol parece ser sem sentido. Conclui-se então que, na realidade, ela não apenas parece, como realmente o é, se de fato tudo está morrendo. O autor confronta o leitor com a assustadora conclusão de que nada tem significado, nada vale a pena, a saber o que está debaixo do sol.

Em seguida, o autor divide a realidade em duas áreas: Uma delas é o lugar da habitação do homem: "Deus que está nos céus, e tu estás sobre a terra." (5:2). Desta maneira, ele utiliza três expressões para explicar o lado terreno da dualidade apresentada, que são: "debaixo do sol", "debaixo do céu" e "na terra." O estilo linguístico empregado é conhecido também em várias outras obras antigas, como: "ver a luz do sol" cujo significado é estar vivo, visto que os mortos não podem "ver o sol". Apresentando, desta forma evidências do lado terreno da existência humana.

O autor analisa tudo com o pessimismo do seu ponto de vista. A expressão "debaixo do sol" pode conter formas diferentes à luz da generosidade de Deus; os seres humanos não ganham nada "debaixo do sol" (1:3). A "terra", dominada pela futilidade, "permanece para sempre" (1:4), não existe nada de novo que possa acontecer "debaixo do sol" (1:9-11). Em relação as pesquisas do autor, ele procurou o que estava "debaixo do céu" e avaliou tudo que pudesse ser encontrado. Ao buscar prazer em várias coisas, não encontrou esperança em nada "debaixo do sol" (2:11), e tudo quanto era feito "debaixo do sol" lhe era penoso. (2:17).

Durante quase todo o tempo, o autor deixa Deus de lado, e em seguida, rapidamente apresenta Deus, mudando todo o direcionamento (2:24-26); (11:1-12,14). O livro de Eclesiastes é, então, uma expressão da inutilidade da vida, quando não há a

prática da fé em Deus. Desse modo, conforme a linguagem utilizada pelo autor, a morte vem, sem discriminação a todos "debaixo do sol", ao mau e ao bom (9:2,3), ao homem e ao animal.

Contudo, quando é dito no versículo que os mortos não sabem de nada, não significa que o autor está se referindo a vida futura, e sim a vida vivenciada aqui na terra, "debaixo do sol"; ou seja, os que morrem, e assim sucedem também aos animais, (3:19) perdendo todo o contato com o mundo terreno.

O autor afirma que pensamentos como os das nações da Babilônia e da Assíria, que tinham medo de fantasmas e acreditavam que os mortos-vivos atormentassem a vida dos parentes, eram sentimentos tolos e inúteis. Na verdade, há uma extinção da vida terrena na morte, as paixões terrenas passarão. Os termos gregos usados nesta passagem 9:5 trazem um sentido carnal: O amor, o ódio e a inveja.

Então observa-se que de nenhuma forma, o texto analisado fala de pressuposições a respeito da vida futura ou do estado do espírito após a morte. Segundo Dereck Kidner:

Fora do contexto, os mortos não sabem coisa nenhuma (v.5). Tem, às vezes, sido tratado como uma declaração doutrinária direta. Mas, mesmo a parte do método do autor, tanto esta declaração como a seguinte (nem tão pouco terão eles recompensas) entrariam em choque com outras passagens bíblicas se fossem assim interpretadas. Cf, por exemplo, Lc 16:23ss; 2 Co 5:10. (KIDNER, 1989, p. 42)

Dereck Kidner explica que esses versículos têm sido interpretados como afirmações a respeito das lembranças na vida futura. Todavia, mesmo não levando em conta o que o autor pensou, tanto essa afirmação como a seguinte, "nem tão pouco têm eles recompensa", entrariam em discordância com várias outras passagens bíblicas se elas fossem interpretadas de tal forma, a saber, por exemplo, Lc 16:23ss; II Co 5:10.

Scolfield expõe um pensamento ainda mais radical a respeito disso, que também merece consideração:

Não é uma revelação divina do estado dos que estão mortos, como nenhuma das outras conclusões do autor, (Ec 1:1). Ao raciocinar simplesmente do ponto de vista do homem "debaixo do sol", o homem natural não faz diferença entre um homem e um leão morto (9:4). Um cão vivo é melhor que ambos, nada fala o autor como se fora revelação divina. Estas observações são raciocínio do homem à parte da revelação divina. Estes textos são inspirados à semelhança dos que sob inspiração divina, registram as palavras de Satanás. (BIBLIA, 2008, p. 1877)

Essa passagem de Eclesiastes, portanto, não traz nenhum impedimento em relação à existência das características do espírito. Pois, em nenhum momento o autor quer fazer uma análise da vida pelo ângulo transcendental, ou seja, além desta vida terrena. Deste modo, as afirmações teológicas já ditas, e expostas anteriormente, não são prejudicadas em nenhum sentido pelo texto analisado, e o espírito continua inalienável no que diz respeito a suas qualidades perante a morte física.

Outro texto difícil que muitas vezes traz dúvidas ao leitor sobre ter memórias na eternidade é Eclesiastes 3:19,20:

Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: Como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão. (BÍBLIA, 2010, p. 839)

É importante observar que, nestes versos não há a visão do homem espiritual, e nem a visão do cristianismo que tem por proposta a eternidade para o salvo; há a visão do homem natural que olha para vida sob a perspectiva terrena, "debaixo do sol", como já exposto, não olhando a realidade do mundo por vir. A esse respeito Russell P. Shedd faz a seguinte consideração: "...aparentam o mesmo final, pois o corpo humano é de procedência idêntica, é terreno e volta à terra. Por isso mesmo, o homem deve deixar de ambicionar as coisas terrenas, igualmente perecíveis." (SHEDD, 1997, p. 962)

John MacArthur faz o seguinte comentário sobre o texto:

O que sucede. O destino final dos homens e dos animais é morrer. Salomão não está se referindo ao destino eterno de cada um, mas ao que todos os seres terrenos e carnis tem em comum. Do pó ao pó. É feita uma alusão a passagem de Gn 3:19 no sentido mais amplo, isto é, toda a criação vivente morrerá e irá para a sepultura. Nem céu nem inferno são considerados aqui. (MACARTHUR, 2010, p. 839)

Essa percepção pessimista da vida, é a visão que faz o ser humano olhar um corpo inerte numa urna mortuária sem vida, e logo pensar que naquele corpo não existe mais vida, ou memória, um corpo inconsciente, um corpo animal que logo estará em decomposição, e voltará ao pó da terra. Para aquele corpo tudo acabou, pois ele nunca existirá novamente debaixo do sol. Essa visão da vida de uma forma pessimista foi também apresentada por Jó (Jó 14:7-12):

Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova. O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está? Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono. (BÍBLIA, 2010, p. 839)

É evidente que, esse pessimismo da vida e da existência humana não demora muito, pois logo Jó explica que existe algo a mais, que transcende a natureza e o entendimento humano.

3 ANÁLISE FILOSÓFICA DO TERMO ESPÍRITO

No campo da verificação da abordagem deste trabalho a respeito do que é um espírito, os conceitos filosóficos são indispensáveis, neles existem definições semelhantes aos conceitos teológicos, que merecem atenção. Nesta abordagem tomaremos como referência, sobretudo o pensamento tomista.

Na filosofia grega, o estoicismo, desenvolveu-se no final do século III a.C., originalmente como uma física baseada na noção do Logos, conceito que João usa emprestado da filosofia grega para descrever a transcendência do Verbo (Jo 1:1). Pneuma adotou as funções de Psyche no que diz respeito aos sentidos e ao pensamento. Alguns filósofos até chegaram a identificá-lo como nous (νοῦς) mente, o poder especificamente humano do intelecto. Russell Champlin comenta:

A Filosofia grega, até antes do tempo de Platão, defendia a espiritualidade do ser humano e fazia uma distinção entre o corpo e a mente (ou alma) quanto à essência do ser. Platão considerava o tipo de conhecimento que podemos ter através dos sentidos como "inferior" e até "obstáculo" ao verdadeiro conhecimento. Sendo o que o real é imaterial, ele deve ser conhecido por meios imateriais como pela razão e pelo misticismo. Para Platão a realidade de qualquer coisa é espiritual, enquanto a matéria simplesmente torna-se um veículo do espírito. (CHAMPLIN, Vol. 1, p. 72)

É perceptível uma certa semelhança entre o pensamento filosófico e o teológico; tanto na filosofia moderna e contemporânea, quanto na filosofia estoica antiga, onde o espírito é a parte racional do homem ou intelecto; o princípio vivificante; a substância na qual reside o pensamento; a substância pensante ou a consciência ou o intelecto; o próprio ser, constituído de mente e de memória.

Dentro do pensamento filosófico cabe um espaço especial a Tomás de Aquino, grande filósofo e teólogo. Ele acreditava que a alma tinha vida separada do corpo. A respeito disso ele afirma:

É o princípio de toda a vida de pensamento. Ela subsiste ainda quando a morte a arranca a seu corpo, ou melhor, ao todo de que era parte determinante [...] A alma humana não está, de maneira alguma, limitada as potencialidades da matéria, matéria ela eleva ao ápice de si mesma. Quer dizer, a alma humana não provem da matéria nem de qualquer causa material. (AQUINO, 2001, p. 47)

Em uma de suas mais famosas obras, a *Suma Teológica*, Tomás de Aquino demonstra que, a alma é a substância imaterial do homem que independe do corpo para sobrevivência já que é intelecto, aquilo pelo qual o ser humano vive, sente, pensa e se move. Essa percepção filosófica fica evidente no seguinte comentário:

No homem, esse animal pensante, o intelecto é um poder puramente espiritual. Não há que duvidar que isso depende do corpo, isto é, que isso depende das condições do cérebro. Sua atividade pode ser perturbada ou impedida por alguma desordem física, por uma explosão de ira, pela ingestão de álcool ou de algum narcótico. Mas essa dependência é de natureza extrínseca. Existe porque a nossa inteligência não pode agir sem a atividade conjunta da memória e da imaginação, dos sentidos internos e dos sentidos externos, todos os quais são capacidades orgânicas que residem em algum órgão material, em alguma porção especial do corpo. No tocante ao próprio intelecto, este não é intrinsecamente dependente do corpo, posto que a sua atividade é imaterial; O intelecto humano não reside em qualquer porção especial do corpo humano, não está contido pelo corpo, mas antes, o intelecto é que contém o corpo. Utiliza-se do cérebro, porquanto os órgãos dos sentidos internos se encontram arraigados no cérebro; não obstante, o cérebro não é um órgão da inteligência; não existe porção alguma do organismo, cujo ato seja uma operação intelectual. O intelecto não tem órgão. Finalmente, posto que a capacidade intelectual é espiritual, ou puramente imaterial em si mesma, a sua primeira raiz substancial, o princípio subjacente do qual esse poder procede, e que age através de sua instrumentalidade, é também espiritual. Bastam essas considerações acerca da espiritualidade do intelecto. Ora, o pensamento, ou seja, a operação do intelecto, é um ato ou emanção do homem, considerado como uma unidade; e quando penso, não é apenas o meu intelecto que pensa, quem pensa é o eu, o meu próprio ser. E o meu próprio ser é um ser dotado de corpo; envolve matéria; não é algo puramente espiritual ou imaterial. O corpo é uma porção essencial do homem. O intelecto não é o homem inteiro. (CHAMPLIN, Vol. 1, p. 66)

Tomás de Aquino ensina também que tudo quando pertence ao intelecto e ao espírito, e, especialmente à memória intelectual, mantém vivo na alma separada, o tesouro inteiro do conhecimento, adquirido durante a nossa vida corporal. O conhecimento

intelectual, as virtudes intelectuais aqui neste mundo, mais vil adquiridas, subsistem na alma separada.

Se por um lado as imagens da memória dos sentidos, que tem sua sede no cérebro, desaparecem, aquilo que penetrou na memória intelectual é preservado. Assim, pois, de maneira intelectual e espiritual, a alma separada sempre conhece aqueles a quem amou. E a esses, ama de forma espiritual.

Pode-se imaginar, portanto, que no momento que a alma abandona o corpo, ela sinte-se subitamente imersa em si mesma, como se estivesse em um abismo rebrilhante, onde, tudo quanto estava sepultado em seu interior, tudo quanto ali estava morto, ressuscita para a plena luz, até o ponto em que isso é abarcado pelas profundezas subconscientes ou supra conscientes da vida espiritual de seu intelecto e vontade.

Então, tudo quanto é verdadeiro e bom existente na alma, se torna uma bênção para ela, ao toque de sua luz revelatória e que em tudo penetra; e tudo quanto estiver retorcido e formal, transforma-se num tormento para alma, sob o efeito dessa mesma luz.

Segundo Tomás de Aquino, o intelecto não reside em qualquer porção especial do corpo, e isso inclui o cérebro, neurônio, etc. Para ele o espírito ou a porção imaterial do homem, mantém viva a memória e todo conhecimento adquirido aqui neste mundo. Em outras palavras, os seus conhecimentos serão ampliados, pois somar-se-ão a um conhecimento maior, quando sair deste corpo, uma vez que não estará limitado fisicamente.

O que se infere de tudo isso é que o homem é mais que seu corpo e sua inteligência. A respeito disso, Champlin afirma que:

Se a inteligência, no momento de entrar nos primeiros estágios da morte, quando o corpo fica clinicamente morto, permanece normal, e, além, disso, se não há a perda da consciência e a identidade pessoal não é atingida, então isso nos exhibe o fato da inteligência extra cerebral. Neste caso fica demonstrado que o cérebro é apenas um veículo da inteligência, sob certas circunstâncias, e não a própria inteligência. A inteligência é algo muito mais vasto que qualquer órgão físico, que possa contê-lo temporariamente. (CHAMPLIN, Vol. 1, p. 76)

Desta forma, algumas perguntas já foram respondidas, das quais já se pode tirar bases para a construção de uma linha de raciocínio. Tanto teológica quanto filosoficamente o espírito é autoconsciente, é a parte racional ou a essência pensante do homem, na qual reside memória, e é o verdadeiro eu de uma pessoa, isto, é a sua real personalidade.

Também é notório que o corpo é secundário, e ainda que exercendo um papel ímpar na natureza humana, uma vez que o homem é um ser composto de corpo e espírito. Não obstante, o espírito não está limitado ao corpo, com toda sua deficiência, podendo ser transcendente ao mesmo em algumas ocasiões. Fica claro através das afirmações de Tomás de Aquino, que a morte não encerra as atividades do espírito, no tocante a sua racionalidade, pensamento e memória. Pelo contrário, quando fora do corpo, o espírito cresce em conhecimento, e amplia a sua capacidade perscrutante.

Esse tipo de raciocínio leva, de maneira imediata, para a afirmação de que na eternidade o ser humano obterá memória do que foi e fez, uma vez que estará em espírito, pois esse é o destino dos espíritos redimidos, e se o espírito carrega em si o conhecimento, a memória, a inteligência e a personalidade, há de se concluir que essa é a resposta mais lógica. Se fosse de outra maneira, seria necessário renunciar os pressupostos teológicos e filosóficos em função de algo maior, talvez, alguma outra informação que evidenciasse que a capacidade inerente ao espírito de ser o que é, estaria limitada no mundo vindouro.

Mas algumas dúvidas ainda surgem, por exemplo: Como um ser humano salvo será feliz no céu, sabendo que alguns parentes e amigos foram para o inferno? Esse tipo de pergunta pressupõe uma concepção materialista de que no céu o ser humano obterá um corpo sujeito às inclinações, motivações e sentimentos carnis. Segundo a Bíblia, tais sentimentos de carne e sangue não herdarão a eternidade, pois o justo estará segundo o padrão do Senhor Jesus.

Padrão este, que o faz misericordioso ao extremo, ao ponto de morrer pelo pecador, mas também justo o suficiente para condenar os ímpios ao inferno. E seu julgamento é verdadeiro, não há erro. Assim como Ele tem o atributo do amor, tem o de justiça. De fato, os santos estarão revestidos do Seu sentimento, compartilhando plenamente de Seus atributos comunicáveis e de Sua natureza, na mesma dimensão espiritual.

No céu, o justo terá a noção plena da justiça divina, pois estará em comunhão íntima com Deus, onde Sua vontade, seja ela qual for, será a vontade dos justos, pois refletirá neles como o brilho do sol, dando-lhes a convicção de que tudo o que for feito será conforme Sua grande sabedoria e beneplácito de Sua vontade.

Outra questão que se impõe é se os crentes serão julgados. No chamado julgamento dos crentes, como os santos serão julgados se não tiverem memória do que fizeram? Há uma infinidade de textos bíblicos que apresentam uma consciência plena

durante o julgamento, como em Mt. 25:21: “Disse-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.” (BÍBLIA, 2010, p. 1254)

Em II Co 5:10, O Apóstolo Paulo dá um excelente esclarecimento: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.” (BÍBLIA, 2010, p. 1568)

Desse versículo podemos inferir que o julgamento dos crentes é um fato bíblico; o julgamento é individual e alcança os atos do passado; Deus está interessado em recompensar os salvos; esse julgamento será metucioso (Rm 2:6), segundo as obras de cada um; será revelador, inclusive no plano da consciência, II Co 5:11; em outras palavras, requer dos salvos uma consciência plena e ativa para participação de tal julgamento. Segundo Colin Kruse,

É importante que notemos que o que a pessoa fez por meio do corpo é que será avaliado no tribunal de Cristo. No atual contexto, em que Paulo tem falado sobre viver “no corpo” e “deixar o corpo”, o que o crente fez “no corpo” só pode significar o que ele fez nesta vida. Tudo isto significa que o que os crentes fazem nesta vida tem implicações muito sérias. Os crentes deverão prestar contas de suas ações; receberão galardões, ou sofrerão penalidades, segundo seu viver. É esta convicção profunda que Paulo transporta para a próxima seção, em que ele se refere a conhecer “o temor do Senhor”. (KRUSE, 1987, p. 126)

Desta forma, fica implícito a necessidade de memória ou lembranças de coisas passadas. Filosoficamente falando, o espírito também, uma vez no céu, será sempre a substância pensante ou a consciência do indivíduo, sendo constituído de mente e memória. Qualquer outra concepção que desenvolva uma mente sem memória, um espírito sem lembrança, aniquilará milênios de especulação filosófica e reduzirá a pó a percepção humana sobre o ser espiritual que é o homem.

Assim, faz-se necessário a inclinação ao pensamento de Tomás de Aquino que defende que, a alma abandonará o corpo e será submersa num universo maior, com sua capacidade ampliada em entendimento e compreensão, e não mais estará limitada. Pensar na aniquilação ou limitação da memória na eternidade, nesse sentido, será escarnecer da filosofia e também da teologia.

Com relação a incorruptibilidade da alma, Tomás de Aquino supõe que haja um princípio absolutamente independente do corpo, com características de forma pura:

É, pois, manifesto que o princípio intelectual, pelo qual o homem faz ato de inteligência, possui uma existência supra-corporal e independente do corpo. É igualmente evidente que o dito princípio não é composto de matéria e forma, pois as “species” são nele recebidas de maneira totalmente imaterial, o que está provado pelo fato de o intelecto ter por objeto os universais [quiddidade], os quais são abstraídos da matéria e de suas condições. Resta, portanto, que o princípio intelectual, pelo qual o homem faz ato de inteligência, seja uma forma possuindo a existência: é, pois, necessário que seja incorruptível. É também o que quer dizer Aristóteles (De Anima, III, c. 5, 430 a 23) quando afirma que o intelecto é algo de imortal e divino. (GARDEIL, 1967, p. 231)

Outro argumento que prova a incorruptibilidade da alma intelectual estrutura-se na função específica e somente restrita ao ser cognoscível:

Além disso, o perfeito próprio do homem segundo a alma é algo incorruptível, pois a operação própria do homem, enquanto homem, é o conhecimento intelectual, segundo o qual se diferencia dos animais, das plantas e dos corpos inertes. Ora, o conhecimento intelectual tem por objeto os universais e os incorruptíveis como tais. Como as perfeições de um ser são proporcionadas aos sujeitos perfectíveis, também a alma humana é incorruptível. (AQUINO, 1980, p. 319)

Se a alma humana, explica Tomás de Aquino, por meio da faculdade mais elevada, a inteligência, tem por objeto conhecer os universais, e principalmente as realidades mais inteligíveis, como o ser, o uno, o bem ou Deus, depreende-se que ela seja imortal. Sendo assim:

É impossível que o apetite natural seja em vão. Ora, o homem deseja naturalmente permanecer para sempre. E evidencia-se isso no fato de que o ser é desejado por todos, porque o homem pelo intelecto apreende o ser não só presente, como os brutos, de determinado momento, mas o ser absoluto. Logo, o homem alcança a perpetuidade segundo a alma, pela qual apreende o ser absoluto e perpétuo. (AQUINO, 1980, p. 319-320)

Para Tomás de Aquino, há no homem um desejo ou apetite natural para existir sempre. Mas a alma humana não é um espírito puro, nem é uma substância completa, porque ela está unida ao corpo. Os argumentos acima podem até sinalizar para uma tendência essencialmente espiritualista da alma humana, ou seja, de desvalorizar o corpo. Mas Tomás está ciente da natureza do homem. Aceita integralmente que o corpo é parte essencial desta natureza, porque foi criado por Deus, e a alma é o ser eterno que vivifica o corpo. Por isso,

A forma verdadeira, substancial e imediata do corpo humano deve ser a forma única e dar todos os degraus essenciais de perfeição. Esses degraus constituem uma escala metafísica fácil de subir ou de descer: o homem é primeiramente um ente, e este ente é substância, esta substância é corpo, este corpo é vivente,

este vivente é animado e sensível, este animal é racional. Ora, é pela mesma e única forma, a alma intelectual, que se é homem, e [é] animado e vivo, e [é] corpo, e [é] substância e ente. (HUGON, 1998, p. 143)

Pensando à luz da filosofia tomista sobre a capacidade do espírito em absorver, aprender e reter conhecimento, pode-se dizer que a substância na qual reside imediatamente o pensamento é chamada espírito. A substância pensante, também chamada de consciência, intelecto ou razão são, portanto, os sinônimos de espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação e análise sobre o assunto deste trabalho, houve um avanço progressivo até chegar à conclusão de que o ser humano terá memória no céu. O assunto foi complexo e denso, porém analisando a compreensão teológica acerca do assunto foi percebido que se houver uma separação do espírito e sua memória, autoconsciência, ou mesmo a sua personalidade constituída de memórias, lembranças e intelecto, esse espírito será qualquer coisa, menos um espírito dentro do conceito teológico. Isso porque teologicamente falando, não existe espírito sem memória.

Não há a ideia na concepção teológica de que o espírito existe sem intelecto. Ou acredita-se que existe um espírito no ser humano, e esse espírito carrega em si eternamente a personalidade de uma pessoa, com todas as implicações inerentes à mesma, ou não acreditar-se-á em sua existência, pois este ser inteligente, vivo e imaterial, que não necessariamente precisa de forma material para existir, é o ser, o próprio eu do indivíduo, autoconsciente, não limitado na morte, ou no porvir, e que será, uma vez redimido, o próprio ser do indivíduo que estará no céu.

As análises teológica e filosófica mostraram que o homem é mais do que o seu cérebro, e detém uma auto entidade que, para os cristãos, chama-se espírito; este, uma vez redimido, estará com Cristo na eternidade, com toda a sua potencialidade.

Percebe-se também, que em nenhum momento a Bíblia apresenta limitações de memória ao espírito em função da morte, ou da eternidade. O autor de Eclesiastes, citado por aqueles que pregam o aniquilamento da memória, nada afirma no tocante a vida pós-túmulo, mas somente comenta aquilo que ocorre debaixo do sol. Não existe, portanto, objeção aos conceitos filosóficos e teológicos no que concerne à memória espiritual. É óbvio que alguns textos, fora do contexto, podem apresentar outras verdades no livro de Eclesiastes, mas não a verdade bíblica.

Por último, os santos poderão, à luz do tribunal de Cristo, receber os galardões e ser integralmente manifestos diante dEle pelo que praticaram, e isso os infunde temor, mas também a certeza do gozo eterno. Não é preciso considerar, como objeto de preocupação, as recordações deste mundo; até porque a mente dos salvos estará envolvida em uma atividade muito superior, contemplando a beleza da eternidade e experimentando a alegria e o gozo eterno, e, por conseguinte, tudo que os santos foram e fizeram neste tabernáculo, ainda que residindo em suas memórias eternas, será um ponto insignificante diante da eternidade.

Quanto aos sentimentos de perda e saudade, não mais existirão, segundo a natureza terrena. O Senhor enxugará dos seus olhos toda lágrima, e jamais existirá tristeza alguma. (Ap 21:4). Seremos, portanto, no céu, seres conscientes do que fomos e fizemos e não seres sem memória!

REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 2007.
- AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Vol I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- _____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, Vol I.
- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Porto Alegre: Sulina Editora, 1980, Vol X.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vol I e Vol IV, São Paulo: Candeia, 1995.
- GARDEIL, H. D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino: III - Psicologia**. São Paulo: Duas Cidades, 1967.
- GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- HUGON, Padre Édouard. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino: as vinte e quatro teses fundamentais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- KIDNER, Derek. **A Mensagem de Eclesiastes**. ABU Editora, 1989.
- KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- KRUSE, Colin. **2 Coríntios**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

MACARTHUR. **Bíblia Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MARQUES, José da Cruz Lopes. **Epistemologia do Éden**: Ensaio Hipotético sobre as Limitações de um ser Perfeito. Crato: Revista Colloquium, 2019.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Ridendo Castigat Mores.

SHEED, Russel. **Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.